

“Reservas internacionais do País podem socorrer os bancos no exterior”

por Maria Clara R. M. do Prado
de Brasília

Cresce a pressão dos bancos credores contra as linhas de curto prazo dos projetos 3 (financiamento ao comércio) e 4 (interbancário) da renegociação da dívida externa. O governo acompanha com atenção o comportamento dos credores privados sem entrar em pânico.

O País dispõe de reservas internacionais suficientes hoje para socorrer os bancos brasileiros no exterior que usam as linhas de curto prazo como cobertura aos empréstimos de médio e longo prazos de sua carteira junto ao Brasil.

“Se os bancos credores quiserem tirar os recursos das linhas de curto prazo, o Banco Central (BC) vai ter de dar ajuda para salvar os bancos lá fora e pode fazer isso a qualquer momento desviando para as agências brasileiras necessitadas as aplicações das reservas internacionais do País”, observou para este jornal o economista Adroaldo Moura da Silva, ex-vice-presidente da Área Internacional do Banco do Bra-

sil e diretor da Corretora Silex.

Uma ação coordenada entre os bancos credores, na pior das hipóteses, atingiria os depósitos interbancários do projeto 4, envolvendo aplicações de curto e curtíssimo prazos. Essa linha vem sendo reduzida ao longo dos últimos anos e no momento não representa mais do que US\$ 2 bilhões. “Isso corresponde a um quarto das reservas do País”, avaliou Moura da Silva, indicando que o BC tem condições de acionar em um espaço muito curto de tempo uma transferência das aplicações das reservas internacionais no exterior.

As reservas estão hoje aplicadas basicamente no Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) no Banco da Inglaterra e no Banco Internacional de Compensações (BIS), o banco central dos Bancos Centrais, com sede na Basileia, Suíça. Enquanto não houver uma situação na prática de emergência não há motivo para o BC alterar sua estratégia no exterior. Moura da Silva não teme pelas linhas de financiamento ao comércio.